

**PORTFÓLIO COMO POSSIBILIDADE DE AVALIAÇÃO NO CURSO DE SECRETARIADO EXECUTIVO
BILÍNGÜE**

PORTFOLIO AS AN EVALUATION POSSIBILITY IN OFFICE ADMINISTRATION ASSISTANT COURSE

PENNA, E.C.G.¹

¹ Profa., Curso de Secretariado Executivo Bilíngüe, FAZU – Faculdades Associadas de Uberaba, Uberaba – MG; E-mail: elianagalho@fazu.br

RESUMO: Este estudo objetivou discutir a avaliação por meio do uso do portfólio e de atividades lúdico-criativas. Parte dessas considerações constituem o relato de experiência desenvolvida e apresentada como conclusão do Curso de Especialização em Docência Universitária. Considerar a ludicidade como forma de aprendizagem e promovê-la de acordo com os temas a serem discutidos, ao longo da disciplina Comportamento Organizacional, é, sem dúvida, um desafio constante. O portfólio, como um instrumento de avaliação, proporcionou aprendizagens significativas abrindo espaço para diferentes reflexões sobre a capacidade de construção de conhecimentos, relações interpessoais, autoria e co-responsabilidade na formação acadêmica. Para tal, foram necessários diálogos com diferentes autores e suas respectivas teorias, oferecendo movimento constante de reflexões.

PALAVRAS-CHAVE: Avaliação; aprendizagem; ludicidade.

ABSTRACT: This study aims to evaluate portfolio uses and creative play activities, part of this considerations constitute the experiences developed and introduced during the conclusion of the Specialization Course for University Teachers. Considering recreational activities as learning way and promoting them according to the themes to be discussed during the discipline Behavior Organization is undoubtedly, a constant challenge. The portfolios as an evaluation tool provide significant learning disseminating various reflections about capacity of knowledge constructions; interpersonal relations, authorship and co-responsibility in academic formation. Thus, discussions with the authors and their respective theories were necessary, offering a constant movement of reflections.

KEYWORDS: Evaluation; learning; recreational activities.

INTRODUÇÃO

A compreensão da prática pedagógica e a concepção de conhecimento são uma das questões atuais no cenário do ensino do terceiro grau. As contradições eminentes no meio acadêmico, entre as concepções teóricas e as práticas vigentes, predizem a necessidade de romperem-se paradigmas e trilharem-se caminhos rumo a novas dimensões contemporâneas, ancoradas na flexibilidade e atemporalidade do conhecimento, que se constrói no espaço histórico e sócio-cultural, no qual, os educadores, deixam de ser protagonistas e passam a dividir o espaço da aprendizagem em comunhão com os alunos.

A sala de aula é constituída, além de espaço físico, de um contingente de pessoas em busca de conhecimentos, formação ou, apenas, graduação. Um ambiente de aprendizagem é espaço que extrapola as condições físicas e se edifica na prática da construção de saberes e de relações interpessoais. Tal qual a relação de um portfólio, que tem em seu

continente uma forma física de apresentação e contém, em si, a história de vida, de aprendizagem, de sucessos e frustrações, das “dores” de um saber de vir a ser conhecido.

As formas que permeiam esse espaço em que professores e alunos, docentes ou discentes, marcam parte de suas histórias é o cenário ideal para a construção da aprendizagem por meio do portfólio. Vários estudos referentes à prática docente (MOREIRA, 1999; ROGERS, 1985; NÓVOA, 1999; DINELLO 1996; PATTO, 1983; FREIRE, 1992; CASTANHO, 1989; FREITAS, 2001; KULLOK, 2002), têm demonstrado a necessidade de atentar para questões do ensino de forma crítica, considerando aspectos como a descentralização do poder do professor, as relações professor-aluno e as diversas formas de aprendizagem que se inserem nesse contexto.

Este trabalho objetivou relatar parte das experiências desenvolvidas a partir da utilização do portfólio como instrumento de avaliação e suas considerações, no processo de ensino-aprendizagem. Em outro contexto, esses dados constituíram a apreciação e relato de experiências, descrevendo aspectos importantes sobre formação e docência. Esse trabalho com portfólios tem sido desenvolvido com outros alunos, até que haja dados suficientes para efetivar a pesquisa desta temática.

A dimensão na educação, no ensino universitário, defronta-se com as exigências entre o ensino e a pesquisa, em contraponto a outra necessidade de atender a um novo contexto socioeconômico, no qual é esperado que os profissionais sejam cada vez mais capacitados, tendo, como características de perfil, a inovação, a flexibilidade e as práticas pedagógicas diferenciadas.

Abordar a sala de aula como espaço de encontros, de saberes e relações interpessoais, tendo como método a utilização de atividades lúdicas, denota-se como um desafio, visto que, tanto para educadores e alunos, romper com paradigmas conhecidos e traçar caminhos pouco conhecidos é por si um estado de ousadia. Portanto, o espaço das salas de aula envolve docentes e discentes na tentativa de ambos conciliarem novos saberes, em prol de reconstruções cotidianas. Autores como DINELLO (1996, 1997), SANTOS (2001), NEGRINE (2001), SALOMÃO (2002), referem-se à possibilidade de transformação da educação, enquanto atividade acadêmica, como prática prazerosa, mediada pelas diversas formas de inteligência, corporalidade e ludicidade.

Para nortear essa discussão, foi necessário buscar as possíveis concepções dos alunos referentes à visão de avaliação. Essas questões objetivaram conhecer as concepções e percepções que os alunos têm de seu processo de aprendizagem, uma vez que, a utilização de práticas lúdicas está relacionada à retomada da consciência do eu, ao eu corporal, à apropriação de conceitos calcados na vivência de experiências grupais. Além de considerar a brincadeira, o jogo, como formas de conhecimentos, determinantes culturais e sociais, as experiências realizadas desde a infância são repletas de significados próprios.

Os alunos envolvidos nesta turma apresentaram como características importantes para a execução desse trabalho, a criticidade, a participação coletiva nas atividades, a criatividade e a disposição perante aos novos desafios.

Esta composição humana era incompatível com as temáticas a serem trabalhadas na disciplina como equipes, liderança, desenvolvimento organizacional, temas que preconizam mudança de comportamento, atitude, aceitação do outro, escuta e reflexão. Pela opção de metodologia baseada em atividades lúdicas, a possibilidade de interação pareceu interessante, no sentido de promover questionamentos referentes aos comportamentos individuais e à prática reflexiva da disciplina, ao mesmo tempo desafiante, pois previa uma articulação minuciosa das atividades com os temas propostos e o respeito pela individualidade dos alunos.

No primeiro momento, os dados levantados foram registrados durante a execução das dinâmicas, dos jogos e dos *feedback*, feitos após suas conclusões, bem como por meio de fotos e reproduções das atividades lúdicas em situações de trabalho, em sala, ou em relatos das atividades no ambiente profissional dos alunos.

Em seguida, foi aplicado um questionário aberto, composto de sete perguntas, cujo objetivo foi verificar as percepções dos alunos diante do processo de aprendizagem e avaliação. Os dados levantados, nos registros dos alunos, foram organizados em quatro subgrupos: percepção e compreensão do que é aprender; interferência do curso noturno no processo de aprendizagem; uso de atividades lúdicas (dinâmicas, jogos, dramatizações, músicas, parábolas) e sua influência na aprendizagem; e, por último, a percepção dos alunos da forma como prefeririam ser avaliados. Sendo os últimos dados elencados para a descrição deste trabalho.

As constantes observações e reflexões foram de fundamental importância para a compreensão das práticas lúdicas, da expressão lúdico-criativa no processo de ensino - aprendizagem, tal qual suas contribuições na formação pessoal das pessoas envolvidas.

Nesse estudo do ambiente da sala de aula, a expressão do conhecimento que se legitima no espaço acadêmico ocorreu nas diversas interações promovidas nas aulas. O capital cultural acumulado pela humanidade, na prática, está inserido no contexto da educação escolar e acadêmica.

Ao longo desse trabalho, a oportunidade de efetivar as práticas lúdicas e a construção dos portfólios mobilizou vivências significativas para as pessoas envolvidas. Vislumbrar práticas pedagógicas diferenciadas denota desafios, muitos imprevisíveis, entretanto, a relevância dessas práticas no cotidiano abrem novos caminhos para o ensino, a educação e a pesquisa.

AVALIAÇÃO: REFLEXÕES E CONCEPÇÕES

A avaliação desequilibra os programas inovadores; em meio da confrontação dentre as forças de adaptação à realidade existente ou de criatividade, buscando novas estratégias sócio-educativas, a avaliação puxa com toda a força tradicional para a adaptação, e muitos colegas docentes não são conscientes dessa disparidade. (DINELLO, 1997).

Refletir a temática da avaliação, na proposta de atividades de expressão lúdico-criativa, parece uma questão tão delicada quanto discutir o tema avaliação em outros contextos. Anterior a esse momento, é necessário debruçarmos rapidamente sobre os aspectos afetivos envolvidos na aprendizagem, uma vez que a avaliação reflete um momento no qual muitas manifestações afetivas estão em jogo, como: mecanismos de defesa – sublimação, projeção, deslocamento; relação professor-aluno; tensão e nervosismo que, enquanto emoções, podem provocar dificuldades cognitivas e intelectuais, comprometendo o desempenho da atividade avaliativa.

Muitos teóricos (ALMEIDA, 1999; DANTAS, 1992; FREIRE, 1992; SILVA, 2002, ROGERS, 1985) têm apontado a necessidade de olharmos para os aspectos afetivos envolvidos no ensinar, nas expressões afetivas contidas nas pessoas envolvidas neste processo.

Como contribuição da psicanálise, (FREUD citado por KUPFER, 1992), Freud em suas conferências, não relevou nenhum texto sobre a aprendizagem, no entanto foi possível, em sua teoria, vislumbrar o papel do desejo, ou o que se pretendia, ao buscar a aprendizagem. O aprender pressupõe uma relação com outra pessoa, a que ensina. Nesse sentido, ele nos delega a existência de professores e anuncia a importância da relação professor – aluno, não calcada só nos aspectos cognitivos, mas, sobretudo, nas relações afetivas.

Os mecanismos de transferência e contratransferência presentes na relação professor-aluno, dizem respeito à relação de poder e desejo. Assim como na infância a criança pode depositar suas aprendizagens e afetos nas figuras

parentais, na educação, o professor pode tornar-se a figura para a qual os alunos podem transferir seus desejos, interesses, fazer identificações e projeções.

A fala objetiva do professor passa a ser percebida pelo crivo dos alunos, suas considerações perpassam pelos mecanismos inconscientes, os quais o professor é enunciado pelo desejo de aprender do aluno, o que também confere a ele o poder ofertado pelo lugar que ele ocupa na aprendizagem dos alunos. Papel este que pode significar uma posição de risco, pois o professor passa a ser percebido por meio do desejo do aluno, independente de suas características próprias que, até certo ponto, pode ser alvo de cobranças e frustrações iminentes.

Em face desse mecanismo, o professor também é acometido de seu próprio desejo inconsciente; os mecanismos de contratransferência podem atuar no sentido de levantar demasiada expectativa em relação aos alunos, a sua aprendizagem, ou até mesmo marcar determinados alunos por aspectos defensivos inconscientes que podem denotar ao aluno uma marca demasiada e o professor passar a atuar de forma defensiva às interpelações desse aluno.

BATISTA (1999) denota a aparente valorização do trabalho intelectual pela sociedade e as nuances pertinentes à relação professor-aluno que carregam a ambivalência de sua subjetividade. Pela relação de desejo e poder estabelecida entre professor e aluno, ora o professor é percebido como castrador e inibidor, por suas condutas e posturas disciplinares, ora controlador, pelos métodos avaliativos.

No entanto, a subjetividade refere-se também a sua pessoa, no que tange à possibilidade de suas preferências por certos alunos, suas questões direcionadas ao sistema educacional, relações de poder que versam acima de sua função. Nesse contexto, como o professor pode colocar-se na posição de neutralidade e imparcialidade, no processo avaliativo, ou mesmo desconsiderar suas preferências afetivas em sala?

O levantamento de dados referentes à avaliação – como os alunos deveriam ser avaliados - foi indagado em virtude das atitudes e emoções diante à situação de avaliação, em especial em situação individual, sem consulta com memorização de conceitos, sendo esta uma questão freqüente levantada por alguns alunos.

A avaliação contínua considerando a participação em sala, com atividades individuais e grupais; freqüência; empenho; trabalhos individuais e grupais; resenhas; estudo de caso; exercícios avaliativos em dupla ou consulta; além da confecção do portfólio, tornaram-se instrumentos de investigação sobre qual seria a forma mais adequada para realizar a avaliação de todas as atividades desenvolvidas.

A proposta de avaliação foi anunciada para os alunos nas primeiras aulas, sendo rediscutida no decorrer das semanas, de acordo com o tipo de trabalho a ser desenvolvido. Como forma de avaliação, experimentou-se atividades lúdico-criativas, fazendo com que os próprios alunos construíssem suas reflexões, a partir de artigos veiculados na internet, trabalhos em grupo, em desenvolvimento organizacional e na confecção do portfólio, o que foi aceito aos poucos.

Esse aspecto denota relação de poder e controle, exercida no contexto educacional, pela avaliação, independente do tipo de atividade a ser desenvolvida. As diversas formas de poder que estão ocultas no exercício da docência, poder do conhecimento, da palavra, da autoridade hierárquica, relações humanas, poder do que se pode dizer e do se deve ocultar. O poder que está presente nas relações interpessoais e no espaço acadêmico. A relação de saber e aprender que se configura no momento da avaliação.

Na avaliação, que é percebida pelos alunos como punição, expiação, devendo ser atendida pelo olhar do professor, é comum ouvir, em relatos de alunos, o quanto ajuda “dizer aquilo que o professor deseja”. Um passo importante, nesse sentido, seria implementar ações possíveis de apontar as necessidades de mudanças no nosso contexto, a fim de que a prática lúdica pudesse promover aprendizagens significativas, independentes do olhar avaliativo.

Entre as opiniões reunidas, no levantamento de dados, a questão referente à opinião da maneira como eles deveriam ser avaliados, os alunos apontaram a discordância em relação a avaliação formal, apresentando nível de ansiedade alto em relação a este tipo de instrumento. Para que possamos entender melhor as opiniões dos alunos, suas falas foram transcritas na íntegra.

Na concepção de alguns alunos, *não concordo com as provas, pois o aluno pode não saber nada, decora a matéria e faz uma ótima prova, enquanto um aluno que sabe muito não consegue expressar o que realmente sabe; provas, porém elas deveriam ter menos peso nas notas; provas individuais de consulta ao livro ou caderno. a consulta força o aluno a responder corretamente as questões. Enquanto consulta, ele aprende.*

Enquanto as atividades de trabalhos individuais ou em grupo, as pesquisas revelaram as formas mais apropriadas de avaliação na opinião da maioria dos alunos. Como apontam: *trabalho pessoal; trabalhos em grupo; pesquisas em grupo; trabalhos e provas; resenhas são aprovadas.*

Outro aspecto elencado pelos alunos é a possibilidade de serem avaliados no conjunto das atividades desenvolvidas, facilitando uma visão integradora de avaliação, *trabalhos que a criatividade, iniciativa e inovações fossem incentivadas e avaliadas em conjunto com a disciplina; atitudes em sala de aula, e interesse em aprender; pelo conjunto daquilo que expõe, manifesta, realiza e demonstra dentro da sala de aula, e não apenas em uma prova.*

Pelas características individuais e atitudes discentes como: *desempenho, interesse e esforço; presença, pontualidade, integração da sala com o professor; comportamento, dedicação e interesse; dificuldades e afinidades em algumas disciplinas; atitudes em sala de aula, e interesse em aprender.* Ou ainda, a possibilidade de *todo fim de aula uma breve avaliação, pois o aluno se comprometeria em assistir e prestar atenção e aprenderia mais.*

RESULTADOS E DISCUSSÃO

TABELA 1 – Síntese das opiniões dos alunos referente à forma como deveriam ser avaliados.

Trabalho pessoal	Trabalhos que a criatividade, iniciativa e inovações fossem incentivadas e avaliadas em conjunto com a disciplina.	Provas individuais de consulta ao livro ou caderno. A consulta força o aluno a responder corretamente as questões. Enquanto consulta, ele aprende.
Aprendizado na prática	Presença, pontualidade, integração da sala com o professor.	Não concordo com as provas, pois o aluno pode não saber nada, decora a matéria e faz uma ótima prova, enquanto um aluno que sabe muito não consegue expressar o que realmente sabe.
Desempenho, interesse e esforço	Trabalhos e provas. Resenhas são aprovadas.	Trabalho individual, é gostoso fazer algo e apresentar sozinho
Provas, porém elas deveriam ter menos peso nas notas	Atitudes em sala de aula e interesse em aprender.	Todo fim de aula uma breve avaliação, pois o aluno se comprometeria em assistir e prestar atenção, aprenderia-se mais.
Trabalhos em grupo	Pesquisas. Nos surpreendemos com a nossa capacidade de apreender e gravar tudo que vimos.	Pesquisas em grupo.
Comportamento, dedicação e interesse	Dificuldades e afinidades em algumas disciplinas.	Pelo conjunto daquilo que expõe, manifesta, realiza e demonstra dentro da sala de aula, e não apenas em uma prova.

Inferese que os alunos apresentem concepções mais contemporâneas em relação à avaliação, ainda que falte, em parte, a percepção da aprendizagem como processo contínuo, interativo, social, construído e reconstruído ao longo do desenvolvimento humano. Em pesquisa realizada por CHAMLIAN (2003), referente a práticas inovadoras de professores universitários, entre as inovações, foi apontada a utilização de exercícios programados, para substituir a prova final única, tal qual a concepção levantada pelos alunos.

A afirmação: “*Trabalhos que a criatividade, iniciativa e inovações fossem incentivadas e avaliadas em conjunto com a disciplina*”, parece atender de forma mais globalizada à proposta de expressão lúdico-criativa, bem como a construção do portfólio.

A proposta do portfólio foi apresentada aos alunos na primeira aula, entretanto, sua confecção, componentes e apresentação foi discutida ao término do primeiro mês. Esta decisão foi tomada em virtude do desejo de observação do grupo, utilização de atividades lúdicas e levantamento do perfil do grupo, bem como um tempo necessário para que os alunos conhecessem melhor a metodologia adotada, tempo de adaptação e forma de trabalho proposta pelo docente, que segundo eles era bastante diferente.

Na apresentação efetiva do portfólio, os recursos usados foram portfólios de professores e alunos do curso de pedagogia, de forma que o material concreto foi manipulado pelos alunos, o que pareceu diminuir muito a tensão gerada pela situação desconhecida. Ficou a cargo dos alunos a escolha por um portfólio individual ou em grupo. Ao longo do semestre, foram reservadas as primeiras aulas dos meses seguintes para discussão, acompanhamento dos mesmos, ainda que nem todos usassem este momento.

Para alguns alunos, a definição mais apropriada de portfólio foi pasta avaliativa, agenda, tal como as adolescentes fazem para registrar as experiências mais significativas, com a colagem de objetos importantes, coleções, tíquetes e entradas de cinema que servem como as reproduções de momentos, sensações e aspirações. Os comentários dos colegas, bilhetes atestam as experiências. Ao longo do crescimento, todo o material depositado na agenda vai sendo transformado, alterando seu lugar, sua relevância.

HÉRNANDEZ (1998) define Portfólio como sendo:

Continente de diferentes classes de documentos (notas pessoais, experiências de aula, trabalhos pontuais, controle de aprendizagem, conexões com outros temas fora da Escola, representações visuais, etc) que proporciona evidências do conhecimento que foi construído, das estratégias utilizadas e da disposição de quem o elabora em continuar aprendendo.

O próprio portfólio, enquanto modalidade de avaliação, é reflexivo, pois durante sua construção os alunos precisam considerar suas aprendizagens significativas; ampliar pesquisas de temas afins; buscar dados em bibliotecas, redes multimídia; consultar outras pessoas que tenham vivenciado esse processo; investigar temas interdisciplinares; retomar outras disciplinas. Isso resulta em um investimento pessoal e acadêmico bastante significativo. De modo que esse processo de construção traduz uma caminhada ao longo das aprendizagens apropriadas nesse período.

Para a realização do portfólio HERNANDEZ (2000) aponta que alguns passos devem ser seguidos:

- “Estabelecer, de maneira explícita por parte do docente, o propósito do Portfólio no curso”. A proposta do portfólio, como meio de avaliação, deve ser apresentada e negociada com o aluno logo no início do ano letivo.

- “Estabelecer as finalidades de aprendizagem por parte de cada estudante”. Esclarecer aos alunos que um portfólio não é apenas uma reunião de trabalhos escolares, uma coletânea descontextualizada. Os alunos devem conhecer as finalidades do portfólio, bem como definir o que será aprendido na disciplina, curso ou projeto, levando em conta as finalidades estabelecidas pelo professor.
- “Integrar evidências e experiências”. Os alunos deverão buscar dados de suas experiências de aprendizagem que respondam a suas necessidades formativas. As evidências recompiladas pelos alunos deverão estabelecer uma correspondência entre o trabalho do curso e suas experiências de aprendizagem.
- “Selecionar as fontes que compõem o Portfólio”. Os alunos terão a oportunidade de recuperar e avaliar as aprendizagens obtidas no curso, ao mesmo tempo em que os coloca em relação com as finalidades de sua aprendizagem.
- “Refletir o que se aprende da reordenação”. O portfólio é uma forma de avaliação dinâmica, realizada pelo próprio estudante, e que mostra seu desenvolvimento e suas mudanças através do tempo. O critério de seleção será estabelecido a partir de suas próprias experiências.
- “O Portfólio é propriedade do estudante”. O portfólio é uma criação única, cada estudante determina que evidências devem ser incluídas e faz uma auto-avaliação como parte de seu processo de formação. O trabalho realizado passa a fazer parte da memória de aprendizagem do aluno.

Durante o período de confecção e separação de material, os alunos tiveram a oportunidade de documentar, registrar e estruturar seus conhecimentos. A escolha dos recursos a serem documentados despertou nos alunos a apropriação de seu conhecimento. A posse do portfólio, continente físico, parece ter despertado a autonomia, propriedade de experiências de cada aluno, nesta caminhada. Preocupações com a devolução do mesmo pareceu freqüente, pois muitos alunos utilizaram fotos, produções pessoais que foram carinhosamente apontadas e solicitadas para serem guardadas com devido cuidado durante a correção.

No propósito do portfólio, o aluno busca em seu material selecionado evidências de seu progresso. Isso implica especificar o porquê de ter selecionado cada uma das evidências que compõem o portfólio.

Entre os componentes do portfólio, HERNANDEZ (2000) aponta as quatro evidências que pode integrar um portfólio:

- **Os artefatos:** são documentos produzidos durante o trabalho do curso e vão desde as atividades em sala de aula até os trabalhos realizados por iniciativa própria dos alunos ou por sugestão do professor.
- **As reproduções:** são documentos que constituem exemplos de trabalhos, que normalmente não se recolhem em sala de aula, como gravações, impressão de página de Internet, etc.
- **Os atestados:** são documentos sobre o trabalho do aluno, preparados por outras pessoas.
- **As produções:** são os documentos especificamente preparados para dar forma e sentido ao portfólio e incluem três tipos de materiais: *a) explicação de metas; b) as reflexões; c) as anotações.*

O continente: lugar onde será colocado todo o material produzido. Podendo apresentar-se em caixas, pasta, cartazes, CD-ROM, embalagens de presentes, livros, entre outros.

As experiências descritas pelos alunos confirmam a oportunidade ímpar de construção de aprendizagem promovida pela confecção do portfólio. O desafio, a princípio, de utilizar o portfólio no Curso de Secretariado superou as expectativas, tanto as do docente responsável pela disciplina quanto a dos alunos envolvidos. Autores como VIEIRA (2002), SALOMÃO (2002), FREITAS, (2001) descrevem a utilização dos mesmos nos cursos de formação de

professores, ou ainda HERNANDEZ (1996, 2000) nos cursos de artes e fotografia.

VIEIRA (2002) cita as afirmações referentes à finalidade do portfólio em SÁ-CHAVES (2000):

- “Promover o desenvolvimento reflexivo dos participantes (...)
- Estimular o processo de enriquecimento conceptual (...)
- Estruturar a organização conceptual ao nível individual (...)
- Fundamentar os processos de reflexão para (...) a ação (...)
- Garantir mecanismo de aprofundamento conceptual continuado (...)
- Estimular a originalidade e criatividade individuais no que se refere aos processos de intervenção educativa (...)
- Contribuir para a construção personalizada do conhecimento (...)
- Permitir a regulação em tempo útil de conflitos, (...) garantindo (...) o desenvolvimento progressivo da autonomia e da identidade.
- Facilitar os processos de auto e hetero-avaliação (...)”

Como instrumento, não só de avaliação, como também reflexivo, mantém diálogo do aluno com o seu conhecimento, diálogo entre aluno e professor. Por meio do portfólio é possível conhecer de forma mais apropriada a maneira como os alunos desenvolvem e organizam suas aprendizagens.

Visto o caráter criativo e reflexivo, garantido em sua construção, permite-se dar continuidade à proposta de expressão lúdico-criativo, pois não apresentam contradições no uso de ambos, garantindo aos pares, professor-aluno, identificar questões pontuais no processo de ensino – aprendizagem, a ludicidade e a criatividade. A autonomia do pensar, promovida, tanto da expressão lúdico-criativa, como no portfólio, serve de suporte ao aluno que, neste momento, passa a reconhecer-se como autor de seu conhecimento e co-responsável por sua aprendizagem.

Na auto-avaliação dos portfólios foi possível, por meio dos seguintes relatos, identificar questões como valorização da autoria, reflexões, oportunidade de reconhecer a aprendizagem acadêmica e institucional, mudanças ao longo do curso, ciclos de aprendizagem, desafios do conhecimento, formas de avaliação:

“Esta proposta de trabalho, ou melhor, este desafio que nos foi feito, ficará registrado em nossas vidas seja como simplesmente pessoas bem como universitários e principalmente como profissionais. Se colocarmos em pratica tudo o que aprendemos com certeza seremos bem sucedidos em nossos relacionamentos, muitas portas se abrirão, pois tivemos a oportunidade de nos reciclar, de aprender a ver as pessoas e as coisas de outra maneira de modos a enxergar aquilo que as outras pessoas não conseguem ver, sentir nas pessoas o comprometimento com o trabalho, no envolvimento com o próximo, respeitando limites e ampliando horizontes. A criação do portfólio tornou-se um desafio porque nos foi PROPOSTO algo que estava a nosso alcance, porém, que, mas ser melhorado. Em grupo ou individual cada um de nós superamos nossa capacidade de criar, de fazer melhor e mesmo assim nos perguntamos será que está bom?”.

“Vivemos, hoje, num mundo onde somos julgados o tempo todo. Somos julgados pela cor, pelo jeito de vestir, pelo jeito de falar... Julgar pode significar emitir um parecer ou opinião, mas também sentenciar e condenar. A sociedade, com seus variados tipos de julgamento, deleta a liberdade de ser das pessoas, faz das pessoas

juízo escolar. A avaliação escolar, na grande maioria das instituições de ensino é feita através da sistemática de provas. O aluno é avaliado pelo que conseguiu obter de pontos na prova. As suas experiências e vivências não fazem parte do processo de avaliação. No entanto, conhecemos na FAZU algo denominado Portfólio: Diferente avaliação, diário, constante... Nele, o aluno vai diariamente acumulando dados, tanto no que se refere a textos, documentos, registros de atividade e ações, como também impressões, dúvidas, certezas, relações feitas com outras situações vividas ou imaginadas, na faculdade ou fora dela”.

“O conhecimento... O aprendizado... O prazer de pensar... A sensação de associar... Palavras... A descoberta de pessoas... A amizade... Cumplicidade... Aprender a conviver... Respeitar o próximo... Não perder a confiança em si... Ser... Simplesmente ser HUMANO.

Fazer o nosso primeiro Portfólio, foi uma mistura de sensações: primeiro o susto, depois a descoberta e por último a melhor sensação ... a do dever cumprido!”

“... Como estávamos na preparação do nosso primeiro Portfólio queria que o mesmo pudesse ser reconhecido como meu, pelo estilo e características apresentadas, pois acredito que este Portfólio pode ser considerado como um “filho intelectual”, porque sabíamos que já estava encomendado, que teria que sair de qualquer jeito, imaginávamos como poderia ficar, mas não tínhamos certeza que como seria na realidade.

Hoje, posso afirmar tranquilamente que me sinto orgulhoso pelo trabalho realizado, satisfeito por considerar que consegui imprimir meu ponto de vista no resultado final desta obra e acima de tudo feliz. Afinal, é muito bom saber que algo que você criou tem a sua cara”.

“Hoje, terminado o 6^o. período, podemos afirmar, com segurança, que os estudos realizados devem extrapolar as aulas presenciais, para que ocorra um enriquecimento teórico razoável. É necessário, para isso, questionar, pesquisar e ter autonomia suficiente para a elaboração do próprio pensamento na busca constante do conhecimento. O Portfólio é, sem dúvida, um exemplo dessa construção de conhecimento. Apesar de ser trabalhoso, exigir muito tempo e muita disposição, sua construção é muito enriquecedora. Na nossa opinião, Portfólio significa mais um desafio. E como todos os desafios, não dispensa coragem, nem vontade de crescer, criá-lo foi muito interessante, pois promove aprendizado, assim com também avaliamos o corpo docente, pois está refletindo, muitas vezes, sobre questões propostas por eles. Achamos que o Portfólio exige muito mais do aluno do que uma prova”.

Referente aos critérios para avaliação do portfólio, Hernandez (2000), descreve que esses critérios podem responder às seguintes questões:

“4 tem algumas metas e reflexões explícitas?

4 cada documento tem um cabeçalho que lhe dê sentido?”

Por sua vez o critério qualitativo tenta responder às seguintes perguntas:

“4 Até que ponto o estudante evoluiu para as metas estabelecidas?”

4 O que aprendeu?”

4 É suficiente ou deve aprofundar algum aspecto?”

4 Que qualificação lhe corresponde em função do critério estabelecido pela escola ou sistema escolar?”.

Considerando os aspectos apresentados no portfólio, o desenvolvimento dos alunos e o desafio proposto, a concepção de atividades lúdicas e avaliação permitiu vislumbrar oportunidades e resultados muito gratificantes no processo ensino-aprendizagem.

Um aspecto relevante a ser refletido foi o envolvimento dos alunos para a execução dessas atividades, em especial aqueles alunos que se apresentavam faltosos, dissociados de nossas vivências de sala. Na ocasião da proximidade das apresentações, pôde-se constatar a busca desses alunos por orientação, pareceres, ainda que a data da apresentação e entrega estivessem chegando. Contudo, o tempo pessoal é único e singular para cada pessoa.

Certamente, pelo resultado das apresentações, na diversidade entre os portfólios preparados com calma, com tempo maior de discussão e aqueles acometidos pelo encurtamento do tempo, o envolvimento, a propriedade das falas e ações, não puderam mascarar a realidade. Na sutileza dos detalhes, cuidados com as formas de atuação de cada componente é que foi possível verificar as questões já mencionadas.

Os portfólios construídos pelos alunos do sexto período do Curso de Secretariado Executivo Bilíngüe do primeiro semestre do ano de 2004 foram apresentados em ocasiões diferentes, tanto na FAZU, em eventos internos, como no Workshop dos Cursos e Profissionais de Secretariado, realizado na cidade de Jaboticabal - SP. Isso fez refletir sobre as diferentes possibilidades de avaliação e incentivo à participação de acadêmicos e professores em eventos culturais e científicos.

Quebrar paradigmas, buscar novas correlações e desafios é certamente uma atitude de ousadia. Desprender-se de práticas desenvolvidas e arraigadas, ao longo da formação acadêmica e docente exige, além da ousadia, momentos de reflexão, medo e ruptura.

CONCLUSÃO

Discutir a prática docente a partir da utilização das atividades lúdicas, é um desafio inquietante e prazeroso. Inquietante porque foram necessários muitos diálogos com diferentes autores e suas respectivas teorias e, sobretudo, a escuta e a atenção às falas dos alunos levantadas ao longo desse processo.

Trilhar o caminho do lúdico é deparar-se com uma escassa divulgação de trabalhos que não focassem a relação da ludicidade com a infância, como se realmente coubesse apenas à infância o lúdico.

A escolha de levantar as concepções e percepções dos alunos pode parecer demagoga. Há o receio de falsear o rigor da análise de dados, ou a busca veemente de buscar dados que possam responder parte de nossas questões, enquanto educadores.

É inegável o quanto o contexto da sala de aula, como ambiente de aprendizagens, possa ser beneficiado com a utilização das atividades lúdicas e a possibilidade dos temas trabalhados promover a interação em grupos diferenciados, nos quais as relações interpessoais, contidas nesse espaço, ganharam novas proporções.

A apropriação da aprendizagem e a co-responsabilidade pareceram ganhar novos significados para os alunos, a partir da confecção e apresentação dos portfólios. Os alunos manifestaram a integração de suas aprendizagens às suas vivências e passaram a entender melhor a possibilidade de construir conhecimentos de maneira multidisciplinar. Entre os aspectos relevantes, a percepção dos alunos em relação às suas potencialidades.

O portfólio em grupo, em virtude de todo trabalho necessário à sua execução, mobilizou, em alguns alunos, a reflexão de suas atitudes em relação a determinados colegas. O estar com o outro e não competindo com o outro foi aspecto importante nas relações interpessoais.

As relações interpessoais constituídas no ambiente da sala de aula configuram-se de diferentes e imprevisíveis maneiras. A figura do professor mantém o referencial de segurança, apoio e incentivo. A postura do professor, em especial na utilização de atividades lúdicas, parece instigar os alunos que a princípio necessitam de um tempo para perceberem que a aprendizagem pode ser cada vez mais prazerosa, desafiadora e lúdica.